Btca MYM
Folheto AmM
0053

TEATRO AMAZONAS

1896-1986

90 anos

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

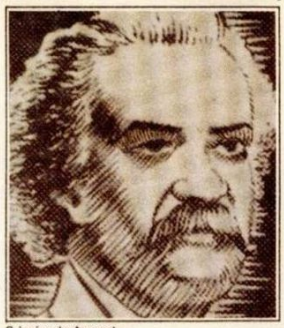
EDIÇÃO COMEMORATIVA PARA A JUVENTUDE AMAZONENSE DA REDE ESTADUAL DE ENSINO.

FOLHA DO PATRIMÔNIO N.º 01.

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS — SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA — COORDENADORIA DE ASSUNTOS CULTURAIS.

SEC-39592
-14737-
Amm
0053

PRIMEIRA FASE — GOVERNO PROVINCIAL



Crispim do Amaral

1. — *A comunidade citadina em 1870.* Já a essa altura o povo de Manaus, capital da Provincia do Amazonas, conhecia as várias formas de expressão dramatúrgica, inclusive as chamadas diversões de salão, o ilusionismo. Conhecia teatro não somente de leitura de peças italianas, espanholas, francesas, inglesas, mas também pelas representações levadas a cabo nos dois péssimos teatros existentes: o famoso Édem teatro de madeira, na então praça de Dom Pedro II e o teatrinho da Beneficiente Portuguesa na praça de Uruguaiana. No primeiro, além dos melodramas cantavam-se óperas e operetas líricas. No segundo apresentavam-se pequenas farsas, alegorias, potaches, facécias, duetos, mimos e os já consagrados autos religiosos, que iam do mistério ao pastoril. A vocação do povo para a arte, na qualidade de auditor e de participante, autorizava a necessidade de substituir-se o exíguo teatro de madeira por edifício que honrasse a cultura em processo. Num teatro maior, melhor condicionado, as companhias líricas que orientassem seus interesses para a enriquecida Provincia afluiriam com mais freqüência e seleção no elenco e no repertório. Assim ajuizavam os homens de pensamento daquele tempo.

2. — *A situação econòmica da Provincia do Amazonas* possibilita a implantação rápida e definitiva de vários melhoramentos e até de audaciosos projetos, porque a propaganda que se fazia na Europa, em revistas e jornais, era ao mesmo tempo para efeito de acelerar a colonização estrangeira e abrir mercado compensador para efeitos e testes cientificos e sociais. Passamos do longinquo teatro religioso das Missões, de efeito apenas catequético, para as tentativas bem sucedidas do grande teatro. Os grupos teatrais formados em Manaus à época garantiam a sucessão periódica ou sazonal dos cartazes domésticos. A cidade já possuia, entre outros, os hotéis DE FRANÇA, UNIÃO, EUROPA, que se não blasonavam de superiores ao da Corte, hospedaram todavia grandes personalidades, do tipo, para exemplo, do poeta maranhense Sousândrade, chegado em 1870. Havia um atelier fotográfico (conquista que não existia em muitas cidades do país), vários jornais, restaurantes franceses, casas de modas, armazéns, ruas em parte calçadas à pedra tosca, pontes de madeira, alguns igarapés decantados, e coisa sensacional na década de noventa, um sistema de transporte urbano-suburbano com capacidade para transportar passageiros do bairro de Flores para o centro (praça do Comércio) e vice-versa. Esse transporte era constituido do locomóvel arrastando jardineiras e como não podia deixar de ser, sobre ele corriam apetitosas facécias que publicamos na nossa compendiosa obra TEATRO AMAZONAS. Muitos prédios nobres honraram a cidade: Catedral, Enfermaria Militar de São Vicente-de-Fora, Quartel do Terceiro de Artilharia-a-Pé, Palácio do Governo, Forum, Edilidade, Alfândega e Correios, Seminário Episcopal, Igreja dos Remédios, etc. Uma companhia de navegação a vapor foi idealizada e funcionou perfeitamente para a América do Norte. Depois foi fundada outra para a Europa.

3. — *O projeto de construção do Teatro Amazonas* é da autoria do deputado provincial Antônio José Fernandes Júnior, datado de 21 de maio de 1881, apresentado à Assembléia Provincial Amazonense. Orçado primeiramente em sessenta contos de réis, depois de longas discussões abriu-se o crédito de cento e vinte contos de réis, com que se pretendia dar início à obra. A planta do Teatro Amazonas se originou da publicação da lei 593 de 29 de maio daquele ano. Os projetos apresentados foram de C. Celeste Saccardi, orçado em duzentos e quarenta e nove contos, oitocentos oitenta e três mil duzentos e noventa réis (249:883$290) e a outra do Gabinete Português de Engenharia de Lisboa, representado pelo comerciante Bernardo Antônio de Oliveira Braga, na importância de quinhentos contos de réis (500.000$000). Venceu este, alegando-se que o primeiro omitia a contrução das fachadas laterais e posterior, não fazia referência ao emboço, reboco, caiação e pintura; idem ao assoalho e forro da platéia, ladrilhos da entrada e do saguão, mão-de-obra da armação da cúpula, além de calcular muito por baixo o preço corrente da alvenaria e do forro a serem empregados. A planta vencedora está assinada por Jorge dos Santos e Felipe Monteiro, datada de Lisboa, 4 de outubro de 1882, com as chancelas do representante Antônio de Oliveira Braga e da testemunha Pais Sarmento.

4. — *O primeiro local escolhido para a construção do Teatro Amazonas* foi a antiga rocinha de propriedade do tenente-coronel Antônio Lopes de Oliveira Braga, situada na atual praça de São Sebastião, indicada pelo deputado provincial J. Meireles a 28 de maio de 1883. Deu-se preferência ao quarteirão contiguo à praça de Paiçandu (trecho atual das avenidas de Eduardo Ribeiro-Sete de Setembro, ruas de Enrique Martins-Saldanha Marinho e travessa do Barroso), chegando-se a desapropriar o casario naquele quarteirão. O terreno não oferecia segurança por causa dos aterros do Igarapé do Espírito Santo (hoje avenida de Eduardo Ribeiro), aconselhavam os técnicos, desonerando-se de qualquer responsabilidade. E como o terreno da hoje praça de São Sebastião já estivesse preparado e em situação mais destacada, a comissão encarregada da escolha resolveu aceitá-lo.

5. — *Contratos firmados.* Posta em licitação, a obra é arrematada pelo comerciante Manuel de Oliveira Palmeira de Menezes, em 1883, pela quantia de quatrocentos noventa e três contos, quatrocentos oitenta e quatro mil, trezentos e cinqüenta e cinco réis (493:484$355). Contrato assinado a 23 de agosto de 1883. De acordo com a Cláusula 35.ª o arrematante (que seria apenas um testa-de-ferro) negociou o contrato com Alexandre Dantas e este com a firma Rossi & Irmãos, da Itália, com representação no Rio de Janeiro e que já vinha concluindo vários edifícios em Manaus.

6. — *Pedra fundamental.* Assentada no dia 14 de fevereiro de 1884. O representante da firma em Manaus era o conde Ermanno Stradeli.

7. — *Início das obras.* Em junho de 1884 os jornais de Manaus começaram a falar das obras, atrasadas por falta de pedra. A cantaria é das pedreiras da cidade, parte obtida das quedas dágua do bairro da Cachoeirinha e parte da antiga rua da Pedreira, de onde se obtinham as pedras toscas para calçamento. O vigamento de aço foi encomendado em Glasgow e veio pelo vapor brasileiro "Maranhense". Nesse ano veio a Manaus o chefe da firma Carlos Rossi, acompanhando o pessoal contratado, mestres e contra-mestre e alguns operários especializados, apenas.

8. — *Rescisão do contrato.* As obras prosseguiam lentamente, visto os contratantes pretenderem a alteração do plano original. O governo provincial mandou suspendê-lo por ofício n.º 24 de 11 de agosto de 1885, a fim de que se chegasse a acordo. Não sendo possivel, o contrato foi rescindido por ato de 12 de janeiro de 1886, recebendo a firma a importância de trinta e nove contos, oitocentos vinte e hum mil, quatrocentos e trinta réis (39.821$430).

SEGUNDA FASE: GOVERNO REPUBLICANO

9. — *Novas atividades.* Em 1892 o deputado estadual Dr. Fileto Pires Ferreira apresenta o projeto n.º 7, autorizando o governo a liquidar as contas com os empresários das obras do Teatro Amazonas. Convertido na lei n.º 3 de 31 de agosto, o Estado do Amazonas pagou aos querelantes a importância de sessenta contos de réis (60:000$000), menos da metade exigida, que era de cento e cinqüenta contos, oitocentos vinte e oito mil, oitocentos noventa e oito réis (150:828$898).

Governava então o estado republicano o Dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro, o qual deu impulso às obras paralizadas.

10. — *Crispim do Amaral.* Com apenas três dias de diferença do edital de 18 de fevereiro de 1893, Eduardo Ribeiro manda contratar o artista brasileiro Crispim do Amaral para realizar as obras de decoração, pintura, ornamentação e instalação do mobiliário do Teatro. O artista não era somente pintor afamado e cenógrafo da Comédia Francesa, mas também músico, ator e comediógrafo, formado pela Academia Real de São Lucas (Itália), retratista e caricaturista. Foi um dos fundadores da revista nacional famosa O MALHO. Dele, no Teatro Amazonas, são as decorações internas, pinturas, telões de cena, pano de Arlequim, bastidores, rompimentos, colocação da rosácea do "plafond" da sala de espectadores, construção do maquinismo do palco, assentamento das cadeiras da platéia, arrumação do mobiliário, das peças de arte, estátuas, faianças, etc., além dos contratos para a aquisição da alegoria a Carlos Gomes, na rosácea. Dele é também o projeto da parte frontal do edifício, com o ante-corpo, timpano, frontão hemicircular, acrotérios, óculos, cachorros, e bustos de personagens com evidência na cultura nacional.

11. — *Uma história que até parece estória...* Do plano original do frontão do Teatro Amazonas, concebido por Crispim do Amaral conforme desenho publicado nos jornais da época, constavam: a reprodução da estátua "Apolo recompensando as Artes", em tamanho natural, e nos acrotérios laterais duas liras, tudo em ferro fundido. Esses elementos decorativos adquiridos por compra em Paris chegaram a Manaus mas não foram instalados. Alegou-se, com ou sem razão, ser o grupo, por pesado demais para a estrutura de alvenaria de pedra do frontão. Durante muitos anos ficou o Apolo abandonado na praça de São Sebastião, sujeito às intempéries e ao vandalismo, e mais tarde seria recolhido ao pátio externo do hangar da antiga Usina de Bondes, no bairro da Cachoeirinha. Pelo menos até 1930 ali permaneceu, ao abandono. É sabido o fim que levou: o governo Álvaro Maia doou o grupo a uma conhecida metalúrgica de Manaus, que o fundiu para estrutura de navios.

12. — *Telões.* O pano de boca do Teatro Amazonas, ainda em uso (recuperado na gestão governamental do cel. Walter de Andrade e nova-

Peri salvando Ceci. DE ANGELIS – Salão Nobre

mente estragado pelas companhias chinfrins que têm vindo a Manaus) foi pintado por Crispim do Amaral sobre telão importação à Casa Capezot de Paris. Representa o encontro das águas (rios Negro e Amazonas) classicamente confundidos com tritões humanizados e a natureza amazônica fielmente reproduzida em conjunto. Não seria o único telão. Outro havia, abandonado por imprestável, com as dimensões do atual: mostrava o próprio teatro em segundo plano, feericamente iluminado como na noite imortal da sua inauguração. A singularidade do harmonioso conjunto estava no fato de o artista haver reproduzido a sua concepção original da frontaria, mas a estátua cimeira de "Apolo recompensado as Artes" fora substituida pela figura de um índio rompendo os grilhões. Talvez se tratasse de uma alegoria apoteótica a Ajuricaba ou então uma referência à libertação da cultura.

De qualquer sorte não se justifica a alegação de que um nome estranho, pintado em caracteres latinos atrás do pano, seja a assinatura do autor. Concorrem para eliminar essa idéia estravagante em primeiro lugar o contrato com Crispim do Amaral e em segundo a nenhuma referência a tal pintor nos jornais da época e nem na teoria dos contratos assinados. Já basta o nome de Capranezzi aparecido por mera circunstância.

13. **Rosácea.** — Foi montada por Crispim do Amaral em 1896, recebendo pelo trabalho excepcional a importância de trezentos e cinqüenta mil réis (Rs. 350$000). Todavia a alegoria a Carlos Gomes, onde figuram as suas óperas, é de autoria desconhecida, talvez pintada na Itália ou na França, ou incluida no trabalho geral do artista.

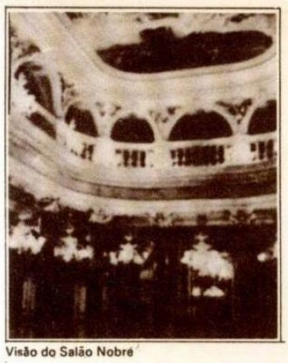
14. — *Decoração externa* — Toda a decoração externa ficou a cargo do construtor italiano Enrique Mazzolani, que recebeu a importância de cem contos de réis (Rs. 100:000$000 por contrato firmado a 31 de março de 1895. Não se inclui o trabalho de pintura externa, feito com o mesmo, adiante explicado pela autorização de serviço.

15. *Manuel Coelho de Castro.* — Encarregado da construção do Palácio da Justiça, Manuel Coelho de Castro contratou com o governo, a 31 de maio de 1893 a continuação das obras do Teatro Amazonas, sujeitando-se às cláusulas do primitivo acordo feito com Manuel de Oliveira Palmeira de Meneses. É com aquele construtor que as obras prosseguem sem interrupção até o final, 26 de fevereiro de 1895, quando recebeu a quantia de cento e vinte contos de réis (Rs. 120:000$000).

16. *Ferragens.* — Todo o material de ferro, escadas, rosáceas, gradis, varandins, decorações, bancos, roseta da sala de espetáculos, estatuetas internas e externas, colunas de ferro, mesas e cadeiras primitivas do bar, cadeiras de ferro da platéia, vigamento de aço, "charpante", arco da "avant-cène", grupo do Apolo, liras, armações da cúpula, foi adquirido em Paris à Casa Koch Frères, rue Martel, 6. Excetuam-se apenas as grossas vigas de aço anteriormente vindas de Glasgow.

17. *Mobílias de madeira.* — Parte do mobiliário (pouco resta) artistico, de madeira, existente no salão nobre do Teatro Amazonas e camarote do Governador, é de fabricação nacional, adquirido no Rio de Janeiro, à Marcenaria Brasileira, de Tomás Cockrane. Dele ainda lá estão um sofá e poltronas forradas de seda, mas o forro original em verde com bordaduras a ouro desapareceu consumido pelo tempo.

18. *Cobertura.* — O serviço completo de cobertura do Teatro Amazonas foi contratado por duzentos contos de réis (Rs. 200.000$000), incluindo-se tirantes, vigas, consolos, caibros, condutores, pára-raios, montagem da cúpula. Em moeda francesa da época, vinte mil duzentos setenta e cinco francos. A cúpula foi adquirida à Casa Koch-Frères, pela importância de trinta mil francos e é constituida de telhas vidradas da Alsácia, embricadas. Terminada a montagem a 30 de novembro de 1895, trabalho executado pelos técnicos franceses Adhémar Lelubre, chefe, e auxiliares Belonic Candellier e Adolphi Rigonsi, auxiliares. O primeiro recebeu de gratificação pela rapidez do serviço um conto de réis (Rs. 1:000$000) e os demais quinhentos mil réis (Rs. 500$000). A pintura ornamental é da autoria de Lourenço Machado, que a fez por seis contos, setecentos e sessenta e seis mil e novecentos vinte réis (Rs. 6:766$920). Nesse rol está incluido o arco-de-proscênio, da mesma casa vendedora e colocado pelos mesmos técnicos. Durante a recuperação operada no governo do cel. João Walter de Andrade, muitas das te-



Visão do Salão Nobre

lhas danificadas foram mandadas fazer no Brasil e lá estão confundidas com as demais.

19. *Espelhos, etc.* — Vieram para o Teatro Amazonas oito caixas contendo espelhos de Veneza, os quais foram adquiridos parte na Itália, parte na França, custando ao todo a quantia de três contos quatrocentos e noventa e quatro mil réis (Rs. 3:494$000). Desses espelhos só restam os de moldura dourada, pequenos. Os maiores, fixados em moldura de gesso na pedra, pelos corredores, desapareceram, pilhados durante o governo malsinado do desembargador César Augusto do Rego Monteiro, que os conduziu para sua residência fixada posteriormente em São Paulo, onde foram vendidos em leilão. Desapareceram igualmente jarrões de porcelana francesa, chinesa e japonesa, bibelôs legítimos de Sevres, cristais do camarote do Governador, estatuetas (duas estão na sacada do Palácio do Governo). Para o luxo requintado do Teatro Amazonas vieram cortinas de Damasco, tapetes persianos, veludos, rendas. Os camarotes eram guarnecidos de bambinelas de veludo de reps carmezin com berloques de fios de ouro. A balaustrada dos camarotes e frisas igualmente, e todos eles providos das respectivas "damas-de-sala", de que "talvez" ainda restem algumas no precário museu do Teatro.

20. *Instalações elétricas.* — Contratou o serviços geral de instalação elétrica o engenheiro eletricista Vicente José de Miranda, a 3 de março de 1896, pela importância de duzentos sessenta e dois contos, quinhentos sessenta e três mil, oitocentos e quarenta réis (Rs. 262:563$840,000) ou em dólares na época 45.584, ao câmbio do dia, adquirido todo o material em New York. A instalação elétrica atual é nova. Foi inaugurado o sistema a 10 de dezembro de 1896, vinte e um dias antes da inauguração oficial.

21. *Estucamento.* — A 28 de maio de 1896 Manuel Gomes da Rocha contratou o serviço de estucamento do Teatro Amazonas pela importância de duzentos setenta contos, setecentos trinta e nove mil e oitocentos noventa e sete réis (Rs. 270:739$897).

22. *Lajedo, mosaicos.* — Todo o lajedo ainda existente em torno do Teatro Amazonas, chamado pedra liós de Lisboa (calcáreo e não mármore propriamente dito) foi adquirido naquela cidade ao preço corrente de trinta e três mil réis (Rs. 33$000) o metro quadrado, incluindo bordadura. Os mosaicos, de que nada mais resta, pilhados durante vários governos, vieram por negociação com a Casa Koch-Frères, fabricados especialmente na França, cerca de 486 metros quadrados. Foram colocados no interior do Teatro Amazonas (saguões, sanitários, etc.) à razão de quinze mil réis (Rs. 15$000) o metro quadrado Preço: dez contos de réis (Rs. 10:000$000).

23. *Escadarias de mármore, interiores* — Perderam-se no sinistro do navio "Santarense" em 1896, fornecidos pela Casa Koch Frères e foram substituídas (não havia mais tempo para vir outras, aproximava-se rapidamente a data da inauguração) por escadarias de madeira tipo Romeu-Julieta (acapu-pau amarelo). Não se tem notícia do custo, mas sabe-se serem de mármore de Carrara legítimo. As de madeira custaram em 1897 quinhentos mil réis (Rs. 500$000) o metro linear (material e ferragens fornecidos pelo governo) num total de quatro contos e quinhentos mil réis (Rs. 4:000$500), sendo trabalhadas e montadas por Antônio Inácio Martins.

Fala-se, sem razão, que o material perdido naquele sinistro era constituído de colunas de mármore de Carrara. Não é verdade. As colunas existentes no salão nobre do Teatro Amazonas apenas assentam sobre bases de mármore de Carrata, e no contrato assinado com o pintor-decorador italiano Domenico De Angelis se diz claramente seriam da imitação do mármore. As escadas de mármore de Carrara existentes atualmente nas laterais de entrada para cima foram mandadas colocar pela Comissão de Recuperação do Teatro Amazonas, na gestão do governador cel. João Walter de Andrade, em 1972.

Detalhe da pintura do teto do Salão Nobre.

24. *Muros do terraço.* — A planta do muro do terraço do Teatro Amazonas foi executada no Departamento da Indústria, em Manaus, 1896, sob a direção do engenheiro civil dr. João Miguel Ribas. O trabalho foi executado pelo contratante dr. Enrique Weaver, de 1897 a 1898, recebendo quinhentos e trinta e hum contos, quinhentos e quatro mil, duzentos oitenta e seis mil réis (Rs. 531:504$286). As escadarias de pedra de Lisboa existentes à frente e atrás e nas laterais e posteriormente nos terraços foram assentadas por José Gomes da Rocha, contratado especialmente para esse serviço.

25. *Acústica e tanques dágua.* — Quando da inauguração do Teatro Amazonas, não haviam ainda sido instalados a "caixa timpânica" (acústica) e os tanques dágua. O serviço foi feito por José Gomes da Rocha, em 1898, por hum conto, trezentos noventa e nove mil, oitocentos e quarenta mil réis (Rs. 1:399$840), fornecendo o governo o material, que constava de quatro tanques. Dois deles ficavam na parte superior acima da caixa e dois nas camarilhas, sob o palco. Os tanques de cima funcionavam como previsores de incêndio e para produzir efeitos artificiais de chuva no palco. Houve dessa experiência em 1907, 3 de julho, no final da representação da peça O HOMEM DAS MANGAS, opereta alemã de Blumentel com música do maestro português Tomás Del Negro. Na reforma havida no Teatro Amazonas (1929) não somente a acústica foi removida mas também os tanques dágua da parte superior, não mais colocados sob a desculpa de pesarem muito, forçando a estrutura de alvenaria. Na recuperação do Teatro, mandada fazer sob rigorosa fiscalização, no governo do cel. João Walter de Andrade, foi adquirido na Áustria um sistema de acústica dado pelo melhor do mundo e atualmente já com defeitos pela má orientação que vem prejudicando aquela casa.

26. *Inauguração do Teatro.* — Prevista para o dia 5 de setembro (aniversário da emancipação do Amazonas da Província do Grão-Pará) realizou-se efetivamente a 31 de dezembro de 1896, com a atuação da Companhia Lírica Italiana empresada pelo maestro maranhense Joaquim de Carvalho Franco, há muito tempo radicado em Manaus. O motivo da transferência foi o não acabamento das obras interiores, por isso a Companhia ficou autorizada a exibir-se no Teatro da Paz, em Belém do Pará. No ato da inauguração foram cantados apenas alguns números de óperas e canções. No dia 7 de janeiro de 1897 a Companhia Italiana estreou com a ópera GIOCONDA, de Amilcar Ponchielli.

Existe no museu do Teatro Amazonas imensa placa de mármore que autorizei destruir porque os autores dela, ignorando ainda a verdadeira história do Teatro, se apressaram em festejar erradamente a passagem dos cinqüenta anos de existência do Teatro.

27. *Domênico de Angelis.* — No dia 21 de agosto de 1897, o pintor italiano Domênico de Angelis assinou o primeiro contrato com o governo amazonense para a decoração do salão nobre do Teatro Amazonas, na importância de cento vinte e dois mil e duzentos francos (Fr. 122,200). Esse contrato foi substituído por outros dois, de 1898 e de 1899, com o sentido de ampliar as decorações e pinturas e ornamentos, respectivamente nas importâncias de cento vinte e sete contos, trezentos trinta mil e quinhentos (Rs. 127:330$500) e vinte e nove contos, cento cinqüenta e oito mil, seiscentos e oitenta réis (Rs. 29:158$680).

28. — *Decorações e pinturas* — De 1897 a 1899 foram feitas no salão nobre do Teatro Amazonas as seguintes obras e instaladas decorações e pintura:

a) "Plafond", alegoria pintada por Domenico de Angelis, sob o título "A glorificação das Belas Artes na Amazônia". Custo: 28: 000 francos.

b) Falsos gobelins fixando aspectos naturais do Amazonas, usos, costumes, fauna e flora, além de um óleo sobre tela referindo o episódio do salvamento de Ceci pelo índio Peri, quando o solar do pai daquela é tomado pelo fogo. A cena do romance de José de Alencar — O GUARANI, foi bem explorada. Custou 40.000 francos.

c) Um óleo sobre tela representando a segunda ponte de Manaus no dia da sua inauguração a cinco de julho de 1896.

d) Pinturas de circunstância representando a onça de malha grande cocando a embiara, uma capivara.

e) Outros detalhes: as garças pescadoras; borboletas azuis; palmaraes ao vento; além dos florões, ornamentálias no estilo clássico, anjos e numes.

f) Os bustos de gesso sobre os portais custaram 16.000 francos.

g) Dezesseis colunas estucadas sobre armação de pedra e base de mármores de Carrara: 4:800 francos. Observação: veja-se o tópico: "Escadarias de mármore" para confronto.

h) Trinta e dois candelabros de cristal (dezesseis de suspensão), custo: 15:360 francos.

i) Soalho de "parquet", custo 30:000 francos pelo fornecimento do material e 12:101 francos pela mão-de-obra. Total: 42:101 francos.

j) Dezesseis bases de mármore de Carrara para as colunas do salão nobre: 4:800 francos.

k) Assentamento dos espelhos (fornecidos pelo governo) e candelabros de cristal por 780 francos.

A atriz hispano-portuguesa Pepa Ruiz

O artista italiano Domenico de Angelis teve como ajudante a outros compatriotas, na qualidade de ajudante, Silvio Centofanti, pintor e decorador que ficou residindo em Manaus; o pintor Francesco Alegiani. O pintor Adalberto Andreis ainda restou em Manaus durante muito tempo, pintando quadros, mas acabou regressando à Itália antes da primeira guerra mundial. Os demais adaptaram-se à vida da região, constituíram família.

29. — *Custo do Teatro Amazonas.* — Antes da decoração do salão nobre, em 1896, o Teatro Amazonas estava avaliado na importância de cinco mil, setecentos e nove contos, setecentos quatorze mil e cento vinte e hum réis (Rs $ ..... 5.709,714,121). Após a decoração e os demais serviços que se arrastavam, calculou-se em mais de vinte mil contos de réis (Rs$ ..... 20:000$000).

30. — *Calendário teatral.* — As principais companhias líricas e de comédias nacionais e estrangeiras, que operaram no Teatro Amazonas, especialmente contratadas ou em vilegiatura, foram, desde 1896 até 1937, pela ordem de apresentação:

Companhia Lírica Italiana (especialmente contratada para Manaus), 1896/1897.
Companhia Tomba, italiana, de óperas, operetas e óperas cômicas, 1897.
Companhia Dramática Dias Braga, portuguesa, 1897.
Companhia de Zarzuelas, espanhola, 1898.
Companhia de Operetas Silva Pinto (Do Teatro Recreio Dramático do Rio de Janeiro), 1898.
Companhia de Operetas Italiana Coniglio & Valla, 1898-1899.
Grande Companhia Dramática Italiana, 1899.
Companhia Portuguesa de Operetas de Tomás Del Negro, 1899.
Grupo Dramático Três Bemóis, 1899.
Companhia Infantil do Rio de Janeiro, 1899.
Companhia Italiana de Operetas de Calil & Aprea, 1900.
Grupo Taborda, do Grêmio Dramático Taborda (amazonense), 1900.
Companhia Luso-Brasileira de Alves da Silva, 1900.
Companhia Dramática Dias Braga, portuguesa, 1900.
Companhia Lírica Italiana, 1901.
Companhia Italiana de Óperas e Operetas, 1902.
Companhia Dramática dos Pigmeus (os artistas eram todos do Rio Grande do Norte e não mediam mais de noventa centímetros de altura), 1902.
Companhia do Teatro Príncipe Real de Lisboa, 1902.
Companhia do Teatro São Pedro de Alcântara do Rio de Janeiro, 1902.
Companhia de Arte Ítalo-Brasileira, 1902.
Companhia de Operetas Mista, 1903.
Companhia Dramática Cristiano de Sousa-Lucinda Simões, portuguesa, 1904.
Companhia de Zarzuelas, espanhola, 1905.
Grupo Dramático Pestana, amazonense, 1905.
Companhia Tomba de Óperas e Operetas, 1906.
Companhia Silva Pinto de Operetas, 1906.
Companhia Lírica Francesa, 1906.
Companhia do Teatro Águia de Ouro, portuguesa, 1907.
Companhia Lírica Francesa, 1907.
Companhia Portuguesa de Operetas, 1907.
Grupo Dramático Gil Vicente, amazonense, 1908.
Companhia Dramática Portuguesa de Cristiano de Souza-Lucinda Simões, 1908.
Companhia de Operetas, Mágicas e Revistas (mista), 1908.
Companhia de Teatro Águia de Ouro, portuguesa (ou de Alves da Silva), 1908.
Companhia Dramática Portuguesa de Ângela Pinto, 1909.
Companhia de Alves da Silva (mista), 1912.
Companhia Portuguesa de Operetas do Teatro Águia de Ouro, 1913.
Trupe Zorda, comédias, 1915.
Companhia Lucília Peres, comédias, 1916.
Companhia de Revistas e Operetas de Antônio de Souza, 1916-17.
Companhia Maria Lina, 1923.
Companhia Maria Castro, 1925:
Companhia Lison Gaster, 1925.
Companhia Álvaro Pires, 1937.

As lacunas verificadas entre os anos 1896-1909 foram preenchidas por pequenas companhias de variedades ou de um só ator. De 1910 em diante as lacunas são mais acentuadas, por causa da crise econômica atravessada pelo Estado, todavia houve espetáculos isolados, apre-

→

Detalhe dos camarotes – Platéia.

sentação de grupos locais principalmente com revistas, pois a decadência da borracha e a guerra primeira são causas primordiais do fechamento do Teatro Amazonas definitivamente para as óperas líricas e companhias dramáticas estrangeiras.

31. — *O problema da cor original exterior do Teatro Amazonas.* — Após a recuperação, a melhor e a mais séria que o Teatro Amazonas já teve, executada durante parte do governo do cel. João Walter de Andrade por artistas de renome internacional e não os borra-botas costumeiros, a teoria de mal-informados e de "historiadores" de orelha considerou estranha a pintura externa branco-cinza invés de uma presumida cor "rosa-imperial", que seria a original. Todavia os que assim pensam (continuam pensando) jamais apresentaram um só documento escrito que nos convencesse a nós que passamos trinta anos pesquisando a história do nosso teatro. Entretanto, logo de saída deveria ser dado conta daquele primeiro contrato com Celeste Saccardi, onde se alude a "caiação e pintura". Não poderia ser interna, já se vê, a caiação, que era aliás comum nos edifícios europeus, à época. Secundo loco, a fachada do Teatro Amazonas não estava nem rebocada em 1896, à data da inauguração, portanto ninguém, nem mesmo os falsos profetas poderia saber que era "cor-de-rosa-imperial". Em terceiro lugar e por último, existe um documento positivo, ordem de serviço, mandando executar a pintura externa. Não elimino a possibilidade de haver algum dia, num dia longínquo, o Teatro Amazonas recebido pintura cor-de-rosa, amarelo, azul, preto, encarnado, até mesmo cor de burro quando foge... Ele foi tão mexido, tão importunado na sua majestade, que não me admiraria haver alguém mandado brochar seus muros de cores diferentes da ordinária. Imagine-se que na administração Nelson de Melo, foi tentada uma camada de cimento cru porque na verdade nenhuma pintura de cor resiste à influência da luz solar nem à chuva. Desbota como desbotou a cor-de-rosa-imperial mandada aplicar quando da reforma por que passaria o Teatro na primeira gestão governamental do sr. Gilberto Mestrinho. Aliás foi naquela reforma que o engenheiro-chefe das obras "descobriu" não haverem os antigos mandado pintar as pedras do muro circular, razão por que depois até o Reservatório sofreu a afronta inestética de ter suas paredes de pedra bruta escandalosamente pintadas!

Alegou-se com muita frequência (e a pergunta era de qualquer modo curiosa e estante) não se falar nunca em pintura a tinta importada. É verdade: mas falava-se em barricas de cal. No entanto, o curioso é que já existia funcionando em Manaus a FÁBRICA SILVÉRIO NERY, de propriedade de Toscano de Brito, que produzia os melhores tipos de fixadores. Na propaganda que se fazia da fábrica de tintas dizia-se que "a tinta amazonense isola por completo o calor da telha de zinco, do ferro, da madeira e da telha de barro, etc". Isto em 1900 mais ou menos. Ora, se o documento que manda pintar o exterior do Teatro Amazonas por Mazzaloni não especifica realmente a cor da tinta a ser empregada, indica ser essa tinta da cor da que fora usada na pintura da ponte metálica ou ponte de Benjamim Constant. Um documento explica o outro. E é no RELATÓRIO do cel. José Cardoso Ramalho Júnior que se encontra a referência à cor cinza com que se deu a primeira pintura da referida terceira ponte..

32. — *O que não é verdade* — O Teatro Amazonas, antes de ser publicada a sua história em termos de documentos, era centro convergente das mais pitorescas afirmações, aqui retificadas.

a) A cúpula sempre foi fixa e não rotatória e faz parte do traçado original como se pode ver do documento existente no museu do mesmo teatro. A afirmação inidônia de que fora adquirida no governo Ramalho Júnior improcede por dois motivos: é insita na planta original e quando o cel. Ramalho Júnior aconteceu em substituição ao Dr. Fileto Pires Ferreira, ela já estava montada e o teatro inaugurado.

b) Não é verdade que artistas famosos, Caruso, Sarah Bernard, Eduardo Brazão, Pawlowa, houvessem atuado em qualquer época em Manaus, no Teatro Amazonas ou noutro qualquer. No recente filme de Werner Herzog aparece um Caruso, contra o voto do historiador. Fui procurado pelos diretores do filme e avisei-os de que era balela a invocação daqueles artistas famosos. Responderam-me exatamente que iriam colocar o Caruso "por ser muito comercial". Dessa forma uma mentira assoalhada se propaga, contra a dignidade da história.

c) Não é verdade que as obras de pintura existentes no salão nobre do Teatro Amazonas tivessem algum dia tido a cooperação de Capranesi. Todas as decorações e pinturas são da exclusiva competência e autoria de Domenico de Angelis, conforme contratos assinados.

d) As colunas existentes no salão nobre do Teatro Amazonas nunca foram de mármore e somente as bases o são de legítimo Carrara, por contrato especial feito com o artista Domenico De Angelis.

e) Nem todos os artistas das companhias atuantes em Manaus, no Teatro Amazonas ou noutras casas de diversões públicas foram vitimados de febre amarela. Alguns se recuperaram nos hospitais da cidade. Acontece que o surto endêmico da febre amarela não vinha exclusivamente de São Paulo e do Rio de Janeiro, onde a mortandade foi maior, mas vinha também da Europa culta e presumidamente saudável. Os pauis europeus se encarregavam de fazer proliferar a febre, mesmo o paludismo ou malária como era chamada na Itália. Todavia a companhia qué mais sofreu (e os artistas não se cuidavam, viviam na boêmia) foi a de Calil & Aprea, em 1900, com nove baixas, seis provenientes da febre amarela, uma causada por ataque epilético seguida de queda e hemorragia; outra por crise cardíaca e a terceira — infecção intestinal. Com respeito às demais companhias que aqui estiveram até 1907, o índice de mortandade foi insignificante, naturalmente por causa das recomendações médicas. Apesar de tudo a atração era irresistível, voltavam companhias antes sacrificadas, reorganizavam-se com os destroços de outras desfeitas fora e rumavam para Manaus, desafiando o alarme injustificado. Naturalmente porque depois de 1900 as condições sanitárias eram outras e as perspectivas de lucros fabulosos mais tentadoras.

33. *Peristilo* — As antigas decorações existentes no peristilo do Teatro Amazonas, bem como as colunas de "ordem amazônica" não eram originais e por isso mesmo quebravam a harmonia do conjunto clássico. Foram eliminadas, junto com o "paraíso" que danificou a ordem do conjunto dos camarotes, na recuperação que sofreu o Teatro Amazonas durante o governo do cel. João Walter de Andrade, recuperação que foi a melhor e a mais bem orientada, porque inclusive arrestou-se todo o material distraído do Teatro e espalhado aqui e ali para "embelezar" outros prédios públicos. Somente as duas estatuetas que ornam a entrada do Palácio Rio Negro é que continuaram lá por decisão do próprio governador.

34. *Bustos.* — Além dos bustos de personalidades ilustres existentes nos óculos e no salão nobre do Teatro Amazonas, figuram em minsulas, no peristilo, os de José de Alencar, Francisco Manuel, João Caetano e Francisco Manuel de Macedo. O busto de Carlos Gomes havia sido chantado no centro do peristilo (reforma prof. Olímpio de Meneses, 1927-29), de onde foi retirado para o jardim em frente ao Teatro, formando o célebre e escandaloso "doce de chocolate", na gestão do prefeito Antônio Maia. A recuperação de 1972 eliminou aquela excrescência e trouxe as antigas estatuetas (que agora lá estão) para o jardim novamente feito nas bases do primitivo e original.

35. *Reforma de 1927-29.* Como já foi dito, alijaram-se do peristilo do Teatro Amazonas as colunas de ordem amazônica, o teto acabanado (imitação de vigas de madeira com atilhos de cipós), os noturnos que se abriam à feição de janelas para o exterior, motivos que não se coadunavam com o clássico severo da planta original. Contudo foi conservado o relevo existente pelo lado de dentro do corredor principal e acima da porta de entrada para sobre as meias-portas de madeira e vidro bisauté. A figura do índio e alguns motivos regionais, seringueira e guaraná, e as meias-portas, ficaram porque não atentam contra a arquitetura interna dos corredores vazios. Esses motivos são da autoria do professor Olímpio de Meneses, responsável pela reformulação havida na casa. Foram eliminados também os pisos (cerâmica de baixo preço e estética) dos dois terraços, mandados colocar na gestão do interventor Nelson de Melo.

RECUPERAÇÃO DO TEATRO AMAZONAS 1973-74

Durante o governo do cel. João Walter de Andrade, este promoveu junto ao Ministério da Educação e Cultura demarches no sentido de impedir que os danos no edifício do Teatro Amazonas alcançassem extensão maior, com influência prejudicial nas obras de arte, principalmente no que se refere a pinturas e decorações internas, painéis e obras metálicas. Inicialmente as obras de recuperação foram estimadas na ordem dos 616.400,00 cruzeiros. Estabelecidos os necessários contatos com interessados, ficou credenciada à firma construtora Norberto Odebrecht S.A. a responsabilidade da empresa.

Para orientar os trabalhos de recuperação, a fim de que não fossem alterados os planos clássicos do monumento, o governo nomeou uma comissão, constituída dos professores Mário Ypiranga Monteiro (historiador do Teatro e presidente da mesma) e Genesino Braga; João Mendonça de Sousa, Superintendente da Fundação Cultural do Amazonas e sr. Pedro Amorim, diretor do Teatro. Inicialmente o governo conseguiu logo a ajuda do ministro Jarbas Passarinho e mais tarde uma verba de três milhões de cruzeiros do Ministro do Planejamento (Cr$ 3.000.000.).

O Teatro Amazonas foi realmente recuperado (não reformulado nem reformado), sem que se alterassem as suas linhas primitivas. Ao contrário, o excesso que ali fora cumulado em guisa de "aformoseamento" foi eliminado e muitas peças retiradas para lugares escônsos voltaram ao antigo lugar, como as duas estatuetas de ferro fundido do jardim fronteiro. O que estava corrompido pela ferrugem ou danificado pelo bicho foi realmente substituído: vigas, mobiliário, sistema elétrico e hidráulico, pinturas murais simples. O mobiliário novo veio do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, mas o complexo eletrônico-cenográfico foi fornecido pela casa especializada Wagner Biro, de Viena, Áustria. A casa de força, agora subterrânea, instaurada no flanco direito do edifício (entre as escadas laterais da rua de José Clemente) ar condicionado da Refrigeração Áurra Ltda, do Brasil; iluminação cênica da Rank-Strand de Londres e ciclorama de Artur Lederre, de Berlim, Alemanha.

As restaurações foram feitas por equipes técnicas e entre os dez que se responsabilizaram pelo mérito da empresa, figuram 4 brasileiros, 5 mexicanos e um equatoriano. Os mármores foram assentados por artista português vindo especialmente de Angola onde trabalhava, bem como a obra de estucagem. Além disso todos os cenários, pano de Arlequim, rompimentos e pinturas internas da sala de espectadores e das demais foram recuperados tecnicamente, na base da extração das bolhas de ar causadas pela umidade, e coladas novamente. As telas e os falsos gobelins que estavam desgastados receberam tratamento de retomada dos fios e a pintura feita sem maiores danos.

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS DO PROFESSOR MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO, filho de FRANCISCO MONTEIRO e de dona MARIA DE SOUSA MONTEIRO, nasceu em Manaus, capital do Estado do Amazonas, na rua da Indústria, bairro dos Tocos, no dia 23 de janeiro de 1909. Fez os estudos primários nos grupos escolares Cônego Azevedo e Saldanha Marinho, passando depois para o Instituto Universitário Amazonense e colégio Salesiano. Ingressou no Ginásio Amazonense Pedro II, saindo Bacharel em Ciências e Letras em 1930. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Amazonas em 1946. Fez jornalismo desde o tempo de Ginásio, mas começou a escrever livros em 1938, quando produziu CRISTÓVÃO COLOMBO, publicado em 1951 pelo IGHA. Vieram depois O AGUADEIRO, publicado, antes, em 1947, que é como história social, verdadeiramente seu primeiro livro. Em seguida suas pesquisas voltaram-se para a região, produzindo obras que são hoje marcos e fontes de pesquisas: FUNDAÇÃO DE MANAUS, A CAPITANIA DE SÃO JOSÉ DO RIO NEGRO, O REGATÃO, A CATEDRAL METROPOLITANA DE MANAUS, O SACADO, ANTROPOGEOGRAFIA DO GUARANÁ, TEATRO AMAZONAS (3 volumes), ROTEIRO DO FOLCLORE AMAZÔNICO (2 tomos publicados), FATOS DA LITERATURA AMAZONENSE, FASES DA LITERATURA AMAZONENSE, HISTÓRIA DA CULTURA AMAZONENSE (1º volume) DANÇAS FOLCLÓRICAS SINGULARES DO AMAZONAS, DONA AUSENTE (poema), HISTÓRIA DO MONUMENTO À PROVÍNCIA, CULTOS DE SANTOS & FESTAS PROFANO-RELIGIOSAS, SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DO CARRO-DE-BOIS NO AMAZONAS, GOTAS DE SANGUE (poemas), ELOGIO SENTIMENTAL DOS BICHOS AMAZÔNICOS (poemas), ALIMENTOS PREPARADOS À BASE DA MANDIOCA, A CERÂMICA POPULAR DO MANAQUIRI, FOLCLORE DA MACONHA, SÍNTESE HISTÓRICA DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO, HISTÓRIA DO MONUMENTO À PRAÇA DE SÃO SEBASTIÃO, COMIDAS E BEBIDAS REGIONAIS; e vários trabalhos menores, alguns dos quais vertidos para as línguas alemã, espanhola, italiana, inglesa e francesa. É professor titular de Literatura Amazonense na Universidade de Manaus e membro do Conselho Estadual de Cultura. Pertence a numerosas entidades de cultura internacionais e já foi agraciado com medalhas de ouro e de prata por instituições de cultura nacionais e estrangeiras, bem como recebeu títulos honoríficos de professor honoris causae, no estrangeiro. É atualmente Presidente da Academia Amazonense de Letras, cargo que já exerceu outras vezes, bem como do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. É casado com a senhora dona ANA DOS ANJOS MONTEIRO, amazonense de Manaus e possuem quatro filhos, todos formados.

Professor Mário Ypiranga Monteiro

CADERNO DO PATRIMÔNIO Nº 01/86.

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS.
Secretaria da Educação e Cultura.
Coordenadoria de Assuntos Culturais.
Ministério da Cultura/Convênio 1985.
Edições Arte-Educação.

GOVERNO GILBERTO MESTRINHO.
SEDUC/FRANCISCA MATOS

Projeto Editorial e Cultural:
Sérgio Vieira Cardoso.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

Secretaria de
Cultura e Economia Criativa

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM

CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA